

Quem diz a verdade: os sertanistas ou a Funai?

Do Sucursal de Brasília

Enquanto a Funai, em diversas notas oficiais, desmente conflitos em áreas indígenas, denunciando por sertanistas e especialistas em indigenismo, paralelamente ocorrem fatos estranhos, com o afastamento repentino de sertanistas ou seu deslocamento para outras regiões, sob a alegação de que "não se pode prender um sertanista por muito tempo numa só área, pois limitaria o seu conhecimento sobre os problemas enfrentados pelos vários grupos indígenas do Brasil. O que se pode verificar, se for realizado um levantamento de todas as pessoas que foram afastadas de seus postos pela presidência da Funai desde o ano passado, é que todas elas alertaram publicamente ou não, para irregularidades existentes dentro do órgão e mesmo sobre falhas na política indigenista que vem sendo adotada. Agora fala-se na possível demissão de mais um experiente sertanista: Apoena de Meirelles.

A Funai ainda não se manifestou sobre suas acusações, feitas há alguns dias em Cuiabá, de que a Fundação está procurando desprestigiar o trabalho de todos os que procuram defender o índio denunciando abertamente os problemas que se registram em diversas regiões. No entanto, comenta-se na Funai que "Apoena já está exagerando" em suas declarações, passando a ser considerada como pessoa bastante incomoda para a presidência da fundação.

O COMEÇO

A atual direção da Funai mostrou-se rígida pela primeira vez em sua posição de coibir denúncias de sertanistas quando, no ano passado, em rádio enviado aos irmãos Claudio e Orlando Villas Boas, determinou que eles não mais criticassem publicamente a passagem da rodovia BR-80 pelo Parque Nacional do Xingu. O rádio-circular foi enviado na ocasião a todos os funcionários da Funai, lembrando que, caso a determinação fosse contrariada, eles estariam sujeitos a severas punições.

Os Villas Boas, quando se manifestaram contra a BR-80, que atravessava parte do Xingu, sabiam que estavam lutando não somente contra a desintegração dos grupos xinguanos, como também contra a tentativa de destruição de uma estrutura que visava a integração paulatina desses grupos. Após alertarem o presidente da Funai e o diretor do Departamento de Estudos e Pesquisas para a gravidade do problema, e não encontrarem eco, os sertanistas denunciaram publicamente o problema. A passagem da estrada pelo Parque seria um passo gigantesco que iria ser dado para o aceleramento no processo de desorganização tribal no Xingu.

Após o recebimento do rádio-circular da Funai, os Villas Boas se retrairam compreendendo ser impossível uma reformulação de conceitos e metas estabelecidos pela Funai. Atualmente, Claudio e Orlando praticamente não se manifestam sobre a política indigenista brasileira, e tentam apenas preservar a integridade dos grupos que vivem no Parque. Pouco vêm às grandes cidades, limitando seu trabalho à tarefa de atrair novos grupos como os krahiacacores e defender os grupos já contactados do encontro brusco da civilização.

A partir deste ponto, desencadeou-se um processo de esvaziamento de lutas e posições assumidas pelos que vivem o dia a dia dos índios: os sertanistas.

O elemento que serviu de intérprete entre os xavantes e o sertanista Francisco Meirelles, Eivaldo Gomes, considerado por todos como exemplo, foi inexplicavelmente demitido de suas funções junto aos índios do rio Arões, onde era um permanente obstáculo aos fazendeiros que tentavam grilar as terras dos silvícolas. Grupos poderosos do Rio Grande do Sul conseguiram incentivos fiscais da Sudam para a abertura de uma grande agropecuária próxima a aldeia xavante de Arões, dentro do território de caça dos índios. Segundo consta, os próprios grupos começaram a pressionar a Funai para a demissão de Eivaldo Gomes, que foi finalmente conseguida.

A campanha de limpeza não parou aí: veio a retirada dos Meirelles — Francisco e Apoena — de Rondonia. Se Francisco Meirelles era obstáculo em Porto Velho, na direção da 8.ª Delegacia Regional da Funai, Apoena, como diretor do Parque Indígena do Aripuanã, apresentava-se como pessoa bastante incomoda para a Funai, pois, em seus relatórios, denunciava os problemas que vinham ocorrendo na área do parque, como autorização para a instalação de 10 companhias de minerios em áreas onde vivia índios em processo de atração. Essas autorizações foram dadas logo após a morte dos sertanistas Possidônio Bastos e Acrísio Lima, massacrados por índios cintas-largas, que estavam descontentes com a constante invasão de seu território pelos brancos.

Na ocasião, dizia Apoena em seus relatórios: "As terras dos nossos índios foram tomadas.

Eles já passaram pelos sarampos trazido pelos colonos mas não sei se passarão pela gripe ou tuberculose. Enfim será muito duro para mim assistir ao extermínio de mais este povo e contemplar insensível a destruição dos meus sonhos". Para continuar na direção do parque, Apoena exigiu da Funai a retirada imediata dos colonos da Imobiliária Itaporanga, que estavam invadindo as terras dos cintas-largas.

Como resposta aos relatórios, do sertanista, a Funai afastou-o do Parque sob a alegação de que ele precisava conhecer outros grupos indígenas, senão ficaria preso apenas aos cintas-largas, que já prescindiam do seu trabalho. No entanto, com o afastamento do sertanista, nada mais foi feito no Aripuanã, que espera até hoje o novo encarregado dos trabalhos de pacificação, que estão suspensos. O sertanista Francisco Meirelles também afastado da direção da 8.ª Delegacia Regional, foi substituído por um general da reserva, afastado do cargo 3 meses depois de sua posse "por motivo de doença".

COTRIM SE AFASTA

Antes de fazer seu pedido de demissão, Cotrim Neto apresentou vários relatórios à presidência da Funai, propondo a reformulação de algumas medidas postas em prática pelo órgão. Seus relatórios não receberam qualquer apreciação. Cotrim apenas informava à Funai sobre os seguintes problemas que havia constatado pessoalmente: os índios tembes e urubus haviam perdido suas terras para uma companhia agropecuária; os undurukus estavam desassistidos e eram detentores de um recorde pouco feliz: o maior índice de tuberculose do Pará; os parakanás estavam morrendo e ficando cegos por hemorragia e haviam sofrido de uma despovoação de 35 por cento em três meses de contato com a Funai; os rhambiquaras eram comparados a bafrenses e estavam sendo transferidos por Fritz Tolcsdorf, do Vale do Guaporá-habitat primitivo — para uma reserva não condizente ecológica e etnicamente com suas necessidades.

Desiludido com a ausência de iniciativas da Funai, Cotrim apresentou seu pedido de demissão e suas denúncias não receberam qualquer resposta por parte da Funai. Afirmava Cotrim que seu afastamento decorria do fato de estar cansado de ser cozeiro de índios. "Não quero continuar — afirmou — sendo instrumento de um órgão que é um bife à opinião pública, nem colocar em prática uma política indigenista errada, pois não procura conciliar os interesses de desenvolvimento da sociedade nacional com a proteção das sociedades primitivas".

Um mês após o pedido de demissão, a presidência da Funai o demitiu por justa causa, esquivando-se do trabalho feito pelo sertanista durante 10 anos, junto aos índios Calapés, assurinís e outros.

OUTRA DEMISSÃO

Nesta semana, mais uma demissão ocorreu dentro da Funai: do sertanista José do Carmo Santana (Zé Bel), amigo inseparável de Apoena Meirelles, com quem está trabalhando há quase 2 anos. Durante o tempo em que esteve na Funai, Zé Bel enfrentou tarefas difíceis, como o resgate dos corpos de Possidônio e Acrísio e a retomada de contato com os cintas-largas, que desde o massacre do subposto do Rio Roosevelt mostravam-se arredios a qualquer tipo de contato. Em maio passado, Zé Bel, Apoena e outros mateiros conseguiram se encontrar de novo com os índios, abrindo um novo caminho para a pacificação dos cintas-largas ainda isolados.

A SITUAÇÃO DE APOENA

Caso a Funai decida realmente demitir Apoena Meirelles, a última voz que de dentro da Funai ainda aponta erros na política indigenista do órgão, estará calada.

Diante de todo o problema, fica apenas uma indagação: com quem está a verdade? Com os sertanistas que ousam denunciar, com base na experiência adquirida ao longo do convívio junto aos índios e antropólogos de renome, ou com a direção da Funai, que jamais vem a público rebater acusações ou reconhecer falhas?



Apoena, Cotrim, Para a Funai, jovens imp